



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**HELOÍSA HELENA SANTOS ROESE**

**(depoimento)**

**2014**

## FICHA TÉCNICA

### ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

**Entrevistada:** Heloísa Helena Santos Roese

**Entrevistador:** Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares

**Local da entrevista:** Clube de Regatas Flamengo, Rio de Janeiro, RJ.

**Data da entrevista:** 14/08/2014

**Processamento da Entrevista:** Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares

**Páginas Digitadas:** 14 páginas

**Número da entrevista:** E-457

**Data da autorização para publicação no Repositório:** 14/08/2014

**Revisão para inserção no Repositório:** Isabela Lisboa Berté e Silvana Vilodre Goellner

**Informações complementares:**

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares intitulada *Mulheres em Manchete: a potência da geração de voleibol dos anos 1980* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em maio de 2015.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **SUMÁRIO**

Iniciação no esporte; Trajetória; Atuação na Seleção Brasileira; Participação na Seleção do Mundo em 1985; Apoio da família; Geração do vôlei da década de 1980; Articulação entre carreira e vida pessoal; Rotina de treinamento; Diferenças entre o vôlei masculino e feminino; Influência da geração de 1980 para o vôlei brasileiro; Transição de atleta para treinadora; Legado do vôlei na sua vida.

M.T. - Heloísa, o que te levou ao voleibol?

H.R. – Eu nasci dentro de uma quadra de voleibol, porque meus pais jogavam voleibol. Meus pais foram seleção gaúcha de voleibol. Eu dentro do carrinho, eles iam pra quadra jogar e eu ia junto. Então, desde que eu nasci vivo dentro do voleibol.

M.T. – Você teve contato com alguma outra prática esportiva antes de escolher o voleibol?

H.R. – Sim, sou de uma cidade de origem alemã, onde o tênis é uma coisa muito forte. Então, eu comecei jogando tênis. Com seis anos eu já jogava tênis e aí chegou uma hora que meu pai disse para mim “você tem que optar entre o voleibol e o tênis”. Eu como canhota teria muita coisa no tênis só que a minha paixão era o voleibol e aí eu escolhi o voleibol. Então, com 10 anos eu comecei a jogar voleibol.

M.T. – Quando você começou a jogar e por qual clube?

H.R. – Não comecei em nenhum clube não. Morava na cidade de Novo Hamburgo (Rio Grande do Sul) e tinha o colégio que estudava chamado Colégio São Luiz, que era um colégio de freiras. Eu estudava lá, estava no quinto ano na época, e eu estava sentada na quadra de voleibol vendo a equipe jogar. O técnico do colégio falou assim: “Você é alta e não quer jogar voleibol? Vem jogar com a gente”. Elas tinham tudo 16 ou 17 anos, e falei “pô, eu posso? então eu vou”. Isso foi quando eu comecei, foi em um colégio. Depois eu fui federada em clube com 15 anos, quando eu fui para o Grêmio Náutico União, em Porto Alegre, porque minha família se mudou para Porto Alegre. Fui federada mesmo com 15 anos; então não participei de categoria mirim, infantil, entrei direto no infante. Com 15 anos quando nós fomos para Porto Alegre, a minha mãe não queria. Meus pais tinham se separado e minha mãe não queria que eu fosse sozinha para o clube. Na escola que eu estudava tinha uma menina que jogava no Grêmio Náutico União e ela começou a me convencer de ir. Então, eu comecei a ir escondida para o ginásio. Minha mãe trabalhava o dia inteiro porque era professora. Eu chegava de tarde e meus irmãos, o Paulo (Paulo Roese), que jogou voleibol e o Valter, que jogou basquete, estavam na escola, então saía de casa e ia para o clube e andava assim dez

quadras. Só que chegou a hora que eles quiseram me federar, então eu tive que falar com a minha mãe porque ela tinha que assinar o papel da federação. Depois disso, ela gostou e deixou e eu tinha, na época, quinze anos, isso foi mais ou menos em maio, por aí, quando eu comecei a jogar. Comecei a treinar com o seu Henrique Alonso que era um uruguaio que morava na minha cidade e ele era professor, técnico de voleibol. Um tempo atrás até conversei com ele, depois eu fui pro União onde era o Justino e a Neusa Barcelos que hoje ainda trabalha no sul, quero dizer, ela já está aposentada, não trabalha mais. Aí houve uma convocação de seleção gaúcha e eu fui convocada para um campeonato adulto em Natal (Rio Grande do Norte). Eu fui, tinha 16 anos, alta com um metro e oitenta, canhota e fui convocada para seleção brasileira adulta em 1973, porque muita gente estava parando de jogar e eles fizeram uma renovação e então entrei nessa renovação que foi em 1973, para um sulamericano adulto (Campeonato Sulamericano de Voleibol Feminino em Bucaramanga, Colômbia).

M.T. – Como era ser jogadora de voleibol na década de 1980?

H.R. – Era difícil porque eu tinha que estudar pela manhã, trabalhava à tarde e treinava à noite; isso lá no sul (Rio Grande do Sul) mesmo. Quando vim pro Rio (Rio de Janeiro) treinar no Flamengo (Clube de Regatas Flamengo) em 1977, que o Ênio (Ênio Figueiredo) me trouxe eu entrei pra UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), fiz vestibular. Aí eu fazia faculdade à tarde, na UERJ e de manhã eu dava aula na escolinha no Flamengo. Eu tinha alimentação no clube, saía, ia pra UERJ e voltava para treinar à noite. Em 1980 fui para o Fluminense porque era uma estrutura melhor na época, era melhor para mim. Tinha um apartamento que a Denise Mattioli (jogadora de voleibol) morava e eu fui morar com ela porque tinha alimentação e um emprego melhor dentro do clube. Já tinha me transferido pra Gama Filho (Universidade Gama Filho) porque na época que eu estava na UERJ ela não me liberava para ir à seleção brasileira, eu recebia falta não sei por que, intrigas e coisas assim. Fui para a Gama Filho e ia para lá de manhã, voltava para o Fluminense almoçava, trabalhava à tarde e de noite a gente treinava. Isso foi até 1984. A gente não treinava duas vezes por dia. Trabalhava na escolinha e recebia um dinheiro para trabalhar na escolinha e comecei realmente a ganhar alguma coisa quando eu fui para o Bradesco, em 1984. Antes disso a gente não recebia nada, a gente recebia pelo trabalho da gente. Até recebia porque tinha

a faculdade paga, alimentação paga, morava em um apartamento do clube, mas salário mesmo a gente não recebia, só fui receber quando fui para o Bradesco.

M.T. – A partir de 1984, então, você considera que o voleibol feminino ficou profissionalizado?

H.R. – Sim. Ainda tinha antes porque quando eu estava no Fluminense, já tinham criado um clube aqui no Rio, a Higya, e o pessoal foi para lá ganhando salário, era o máximo. Depois, em 1983 já tinha a Supergasbrás e elas também recebiam, mas a gente tinha um grupo no Fluminense que era super legal. Até na época a Dulce (Dulce Thompson, jogadora de voleibol) saiu, acho que a Dulce foi para a Supergasbrás e a gente não aceitava aquela saída porque a gente era um grupo muito fechado que ganhou tudo. Ganhamos Brasileiro (Campeonato Brasileiro de Clubes de Voleibol), Sulamericano, Campeonato Carioca, a gente ganhava sempre que a disputa era Flamengo contra Fluminense. Então, 1984 foi realmente quando eu comecei a não precisar mais trabalhar e podia treinar de manhã, treinar à tarde e fazia faculdade. Dava para você não precisar trabalhar para ganhar um salário, o voleibol pagava isso.

M.T. – Heloisa descreva sua trajetória esportiva desde o começo até o momento de parar?

H.R. – Vou começar pela primeira seleção que eu peguei que foi em 1973; fui treinar em São Paulo e nós ficamos em alojamento, seleção adulta em alojamento. Chegava lá, você imagina, na cidade que eu treinava que era Porto Alegre a gente treinava duas horas por dia. Chegava à seleção, em um mês você treinava oito horas por dia, então a gente chegava acabada. Não tinha estrutura para coisa, não tinha uniforme, então a gente levava uniforme. Eu fui cortada dessa seleção porque era uma das mais novas, mas foi uma boa experiência. Em 1974 fui convocada pra seleção brasileira juvenil, mas torci o joelho e não fui. Em 1975 fui pro Sulamericano, no Paraguai e aí começou a melhorar. Foi o ano que entrou o Moju e já tínhamos uniforme de treinamento, uma estrutura melhor. Naquela época não lembro se a gente ficou em São Paulo ou no Rio. Fomos ao Paraguai, mas sempre tinha o calo nosso que era o Peru, que era um caos. Em 1976 tinha juvenil também, foi na Colômbia ou na Bolívia. Em 1977 teve o primeiro mundial juvenil (realizado no Brasil) e como o pessoal da seleção brasileira a maioria

tinha parado, eles chamaram a mim, Marilda e Angélica. Eu sou de outubro, se eu tivesse nascido em janeiro eu tinha jogado o mundial juvenil, mas como era de outubro não pude jogar. Eles chamaram a gente e concentraram a gente três meses em Minas Gerais. Tinha uma casa, a CBV (Confederação Brasileira de Voleibol) alugou uma casa e era na frente da casa do seu Hélcio Nunan que é o supervisor das categorias de base da confederação até hoje. Nós ficamos três meses treinando ali, porque nós todas, junto com as juvenis iríamos jogar o Sulamericano em 1977. Teve o Sulamericano e ficamos em segundo de novo. Depois, no fim do ano, eu vim para o Rio, em 1977. Logo depois, em 1978, já com o Ênio, nós fomos ao mundial adulto na Rússia; foi em Leningrado, hoje acho que é São Petersburgo. Na época, a confederação não tinha dinheiro, então tivemos que sair um mês antes do campeonato para poder jogar e ficamos viajando. Era Romênia, Tchecoslováquia que na época da cortina de ferro era muito forte, a Alemanha Oriental; atravessei o muro de Berlim com as malas na mão. Na Romênia, no avião a gente tinha que deixar tudo, só viajava com o passaporte no casaco. Mala, bolsa tudo ia dentro do avião que era um avião pequenininho; era assim que a gente fazia os amistosos. Hoje a gente vai lá, joga e retorna. Bom, a gente não tinha isso não. Ficava um mês para depois ir ao campeonato. Nós fomos para a Rússia e o Brasil era décimo sétimo lugar e nós paramos em sétimo, eu acho. Foi um salto muito grande. Isso em dois anos de treinamento; quer dizer, nós jogamos em 1974. Teve um Mundial, no México e o pessoal tinha sido, acho que foi no México, tinha ficado em décimo sexto ou décimo sétimo. Ai nós fomos pra oitavo lugar, eu sei que a gente deu uma puxada assim. Voltamos para o Brasil em 1978, e em 1979 teve o “mundialito” que é a classificação para a Olimpíada e a gente não conseguiu classificar só que teve o boicote e o Brasil entrou. Sei que o Peru entrou no lugar dos Estados Unidos e eu sei que o Brasil foi, mas eu fui cortada porque esse ano eu sai do Flamengo e fui para o Fluminense. O Enio me cortou, eu era titular da seleção e até a Isabel disse para ele “você está maluco?”. Mas ele resolveu me cortar e na época eu disse: “Vou parar de jogar voleibol”. Eu tinha um técnico no Fluminense chamado Evandro Meireles, que era psicólogo também, ele falou: “Você não vai parar não, vou te transformar na melhor jogadora do Brasil”. Treinei que nem uma louca no Fluminense e quando chegou em final de 1981 teve um campeonato brasileiro de seleções e eu acabei indo e fui considerada a melhor jogadora do brasileiro. Depois disso, o Enio me chamou e disse que eu tinha que voltar à seleção para jogar o Sulamericano de 1981 que foi quando nós ganhamos, em Santo André, do Peru. A gente jogou muito aquela época, houve

comentários assim: “Pressionaram as jogadoras do Peru...”. Mas quem tem determinação não é uma torcida que vai fazer isso. Claro que aquilo ali era um alçapão e nós jogamos com dez jogadoras porque o Enio tinha cortado a Isabel e a Jacqueline. Nós não tínhamos nenhuma levantadora inscrita, era só a Célia. Foi três a dois, o jogo. E a gente jogou muito. Ali começou a sair (na imprensa) porque ganhando o Sulamericano, a gente foi pela primeira vez a uma Copa do Mundo, que foi no Japão. “Você vai jogar contra Lang Ping, contra esse pessoal todo”. E isso foi em 1981. Em 1982 teve o “mundialito” no Brasil também, acho que a gente ganhou ele e aí nós fomos no mundial que foi no Peru. No mundial, para dizer classificação é difícil, mas acho que a gente ficou em quarto, quinto. Mas não foi um resultado muito legal não. Estou em 1983, no meio disso ainda tinha as Universíades (Jogos Mundiais Universitários), onde nós fomos campeões mundiais. Hoje em dia a seleção não vai mais, mas na época era um modo de treinamento pra gente, para poder fazer jogos internacionais. Em 1984 fui à Olimpíada, que foi em Los Angeles. Fizemos um jogo incrível contra os Estados Unidos. Eu sei que elas vieram jogar contra a gente aqui e nós perdemos dez partidas para elas e chegamos lá nós botamos dois a zero. Acredito que faltou assim um trabalho psicológico para gente, para acreditar que podíamos ter ganhado aquele jogo. Foi uma coisa assim... Eu me lembro até que na olimpíada o povo falava que quando deu dois a zero, a televisão americana tirou do ar o jogo e botou outro negócio e depois elas ganharam. O time dos Estados Unidos era maravilhoso, mas a China foi campeã e os Estados Unidos ficou em segundo e nós fomos parar em sétimo, porque aquilo desestruturou a gente.

M.T. – E vocês tinham feito um jogo contra a China fantástico não é?

H.R. – Fantástico! O grande problema nosso é que a gente jogava, mas faltava aquela experiência. Hoje em dia o atleta chega ao juvenil e já tem não sei quantas partidas internacionais. A gente tinha muito pouco. Em 1984, o Enio saiu da seleção e entrou o Jorjão (Jorge de Barros, técnico de voleibol). Em 1985, eu fui à Copa do Mundo. Fui outras duas vezes ao Japão, Copa do Japão não sei o que lá. Fui chamada pra seleção do mundo no final de 1985, que eu fui à China. Foi muito engraçado e isso ia dar pra fazer uma história porque tinha eu de brasileira, a Cecília Taiti, do Peru, e uma americana a Rose que não lembro o sobrenome, tinha duas cubanas a Miréia e a Capote, duas russas e não me pergunta o nome porque é difícil, duas japonesas, uma alemã, uma italiana.



Dá que nós éramos doze atletas, mas é claro que o povo latino ficava junto. Quando tinha o treino, eu nunca tinha visto uma coisa dessas, porque tu chegavas ao treino lá no Japão, tinha a roupa sua toda pronta, tu colocava a roupa para treinar. O treinamento levava horas, pois tinha vários tradutores porque um técnico era russo, outro era cubano, o Jorge, esse que faleceu, então os caras falavam e tinha que traduzir. Ai você terminava o treino tirava a roupa, tomava teu banho e colocava a roupa que eles deram para andar lá e no outro dia você chegava para treinar tinha outra roupa lá. A gente não lavava aquela roupa suja, era uma roupa nova, joelheira nova, só o tênis que era o mesmo. Realmente, de primeiro mundo, o ginásio de treinamento e isso em 1985, quer dizer é muito tempo. A gente não tem isso. Até hoje nós não temos. Claro que o voleibol, a saída do voleibol como esse centro que fizeram em Saquarema, acho que foi o único esporte que pegou a grana e fez o seu centro de treinamento. Já os outros esportes não fizeram isso. A grande saída do Brasil, a subida de pódio se deve a isso, à organização que eles tiveram. Fui seleção do mundo em 1985 e disse “agora vou parar de jogar voleibol, vou parar de seleção, chega”. Depois fui pra Itália e passei um ano jogando lá numa cidade chamada Fano perto de Pesaro, Bologna, por ali. Voltei para o Brasil e ainda joguei um ano na Supergasbrás e voltei pra Itália e até 1992 eu fiquei na Itália. Fiquei lá cinco anos. Quando voltei para o Rio, em 1992, fui pra Rio Forte e depois eu parei de jogar, isso foi em 1993. Então, o Flamengo me chamou para ser técnica e eu estava formada. Voltei da Itália para me formar. Fui técnica do infante e juvenil e fui campeã carioca juvenil pelo Flamengo, minha equipe. Aí, o BCN me chamou para jogar a Superliga, a primeira Superliga que teve; isso foi em 1995. Nós jogamos a final contra o Leite Moça e fui vice-campeã. Depois disso eu parei. Encerrei a carreira e comecei a ser técnica da base, trabalhar com o mini voleibol.

M.T. – Em quais clubes você jogou Heloisa?

H.R. – Grêmio Náutico União, Grêmio Football Porto Alegre, Flamengo, Fluminense, Bradesco, Supergasbrás, *Cona di Fano*, que é um time da Itália, Rio Forte e BCN.

M.T. – Quais pessoas foram importantes ao longo da sua trajetória para a consolidação da sua carreira?

H.R. – Primeiro meus pais que viviam sempre com o voleibol. Depois os técnicos que tive, por exemplo, o seu Alonso que era lá no Rio Grande do Sul, meu primeiro técnico. Depois o Enio Figueiredo foi uma pessoa muito importante, apesar de ter me cortado e tudo, foi uma pessoa muito importante. Minha trajetória de seleção foi com ele. O Jorjão que foi meu técnico também, depois o Marco Aurélio, no Bradesco. Fui pra Rio Forte e lá tive o Marcos Miranda e o Tabache, que hoje é o auxiliar do Bernardinho. Então foram os técnicos assim, se eu me esqueci de alguém..., tive o Ajuz, na época da Lufkin (clube empresa de voleibol), que quando eu voltava da Itália, pra não ficar parada jogava pela Lufkin; se esqueci de alguém, meu Deus.

M.T. – Como foi a participação da família ao longo da sua trajetória?

H.R. – Foi muito grande porque meus irmãos, um jogou voleibol foi seleção brasileira e jogou uma olimpíada; outro jogou basquete e os meus pais jogaram também. O apoio dentro do esporte sempre foi muito importante, minha família sempre apoiou o esporte.

M.T. – No voleibol quais os principais fatos ocorridos na década de 1980, que você considera importantes?

H.R. – Primeiro a entrada do Nuzman, pra CBV, acho que isso foi importantíssimo, a visão dele, como ele era atleta tinha visto isso tudo. Depois acho que até o corte da Jacque e da Isabel no sul-americano, foi muito ruim entendeu porque a gente não sabia o que estava acontecendo e assim de fatos não me recordo muito. Porque a primeira vez que o Brasil foi a uma Copa do Mundo foi em 1981, nunca tinha ido, o máximo que o Brasil ia é um mundial ou Panamericano. Ai começou a ir para o mundo em Universíades, Copa do Mundo, era Olimpíada e nesse momento começou a ser uma das forças, ficar entre as oito equipes do mundo.

M.T. – Dentre todos esses fatos que você citou qual você considera o mais importante?

H.R. – A mais importante foi a Olimpíada de Moscou porque acho que foi a primeira vez que o Brasil foi, mas a de Los Angeles porque a gente foi porque teve a vaga conquistada.

M.T. – Têm algum fato marcante que você queira destacar que tenha contribuído ou prejudicado a sua carreira na década de 1980?

H.R.– A coisa de eu não ir pra Olimpíada, em 1980 foi uma coisa muito ruim pra mim, traumatizante. Não entendi o porquê, não tinha porque e depois de anos na Itália, ele foi meu técnico lá também, ele veio falar comigo para pedir desculpas por ele não ter me levado à Olimpíada e que ele tinha me cortado mesmo porque eu tinha saído do Flamengo. Isso foi uma coisa muito ruim para mim.

M.T. – Quais as principais dificuldades que você enfrentou no esporte na década de 1980?

H.R. – Ah, nós tínhamos todas as dificuldades. Seria como alguns esportes hoje em dia. A gente não tinha dinheiro, então tinha que trabalhar para se sustentar. Nunca ganhei um tostão para jogar pela seleção brasileira, não ganhava nada. Você não tinha material. Pra você conseguir um tênis, pra você conseguir um “*Tiger*” você era o máximo. Não tinha joelheira, as roupas de treino e o material de treinamento eram horríveis; a gente não tinha nada. Depois que começou aparecer um massagista, um fisioterapeuta, um médico. Não tinha nada disso.

M.T. – O que significava para você ser jogadora da seleção brasileira?

H.R. – Ah! Significava tudo [ênfase]. Porque são doze só, são apenas doze jogadoras que vão nesse monte de gente que tem. Era tudo, porque estar representando o Brasil e poder conhecer outros lugares, outros países, poder conhecer outras pessoas, outras culturas. Isso aí era o máximo.

M.T. – O que você almejava como jogadora de seleção brasileira?

H.R. – Chegar a uma Olimpíada. E eu cheguei.

M.T. – O que o voleibol trouxe de positivo para sua vida?

H.R. – Por onde a gente passa eu sou conhecida. Me trouxe a faculdade, porque através do voleibol eu consegui estudar e fazer a minha faculdade. Trouxe a minha vida porque tudo que tenho hoje, eu devo ao voleibol.

M.T. – O que representou para você participar dos Jogos Olímpicos?

H.R. – É muito difícil descrever o que é. Tanto que agora entrou aqui o Marcelo Vido que foi a Olimpíada comigo e a Luísa Parente, que também foi. Você estar em uma Olimpíada, onde é o centro dos esportes no mundo é onde você conhece pessoas de todos os lugares. O desfile é maravilhoso. É impossível não deixar esse pessoal desfilar, você guarda isso pra vida inteira. O voleibol é um esporte que ele fica do início ao final, é um dos primeiros a começar e o último a terminar. Porque um dia é feminino e outro é masculino. Tanto que quando o Brasil ganhou a medalha de prata, a gente estava lá assistindo. É indescritível o que você sente em uma Olimpíada.

M.T. – Como foi pra você conciliar as demandas do voleibol com sua vida pessoal?

H.R. – É difícil, mas acho que agora talvez o pessoal até viaja bem mais. A gente não viajava tanto, mas a gente treinava muito. Tinha muito treinamento e era engraçado porque diziam assim: “Em Cuba estão fazendo halteres nas costas, então vamos fazer, porque as cubanas saem do chão para caramba, vamos fazer a gente também”. Aí, então, botava halteres nas costas e saía pela arquibancada pulando. Foi meio cobaia de muita coisa e você treinava de manhã, treinava à tarde e estudava à noite. Então sua vida pessoal ficava presa a um final de semana, porque quando você chegava em casa era difícil. Mas teve outras que conseguiram conciliar numa boa. A Isabel quando jogava teve três filhos ou quatro filhos logo; jogou grávida. É diferente porque é difícil você conciliar, pois você viajava 45 dias e quando voltava seus amigos não lembravam mais, você não sabia mais onde você estava ainda mais quando você voltava do Japão, aquele fuso horário maluco. A sua vida de amizades ficava centrada dentro da seleção, tanto que até hoje a gente se encontra. Então, ali que era a família. O tempo de seleção não é como agora. Nós treinávamos seis meses, se concentrava seis meses, treinava lá na Urca e ficava em hotel seis meses. Outra Olimpíada fomos pra São José dos Campos, naquele ITA (Centro Aeroespacial). Então a gente chegava segunda-feira à tarde e pegava o voo no Santos Dumont (aeroporto). Era aquele aviãozinho de hélices, mas até que era legal

porque não tinha que ir de ônibus e ele descia lá, então a gente treinava de segunda a sábado. Sábado de manhã, depois do treino, a gente pegava o mesmo voo e voltava para o Rio e assim era a nossa vida. Ficamos seis meses.

M.T. – Como você percebeu o olhar do outro sobre seu corpo atlético?

H.R. – Cara, eu pesava 63 quilos e a gente malhava muito. Apesar de eu ter feito musculação tarde, malhei muito. Nunca tive assim esse olhar do corpo, nunca me chamou a atenção isso. Eu não percebia. Nunca me chamou atenção isso não.

M.T. – Como é a rotina de treinamentos da seleção em termos de lesão, sacrifício, superação, disciplina?

H.R. – A gente treinava de manhã. Às vezes, a gente começava 08h30min até 11h30min. Davam umas três horas de bola para depois fazer a parte física. A tarde, a gente começava a treinar às 16h00min e ia até as 20:00h. A gente treinava muito, até porque tinha gente de fora. Hoje em dia se você pegar o Brasil, quase todo praticamente trabalha da mesma forma. Mas, naquela época, não existia uma escola de voleibol no Brasil, então cada um treinava com o seu técnico e quando chegava tinha que corrigir um monte de erros. Às vezes, a pessoa já vinha machucada e quando chegava tinha que curar isso, então era pesado.

M.T. – Havia diferenças, em sua opinião, entre o voleibol feminino e o masculino na década de 1980?

H.R. – Com certeza, até porque o masculino começou antes com o patrocínio que era a Pirelli, Bradesco. O Braguinha era apaixonado... Depois não. Acho que na questão de salário sempre houve diferença, apesar de que agora acho que o feminino já está muito forte. O feminino, hoje em dia, o pessoal está ganhando muito bem, mas na época não. Eles ganhavam muito mais do que a gente.

M.T. – Saindo da questão financeira você percebeu uma diferença de tratamento da seleção masculina para a seleção feminina?

H.R. – Sim, tinha porque eles já haviam conquistado alguma coisa. Já tinham conquistado Sul-americanos, pan-americanos e no mundial nem sei qual colocação, mas sempre eles tiveram melhor resultado que a gente.

M.T. – Você afirmaria que vocês passaram a ser respeitadas a partir das conquistas que vocês tiveram?

H.R. – Com certeza. Quando a gente começou a mostrar que o voleibol feminino também tinha o seu espaço.

M.T.– O que representou o voleibol feminino na década de 1980, na sua percepção em nível nacional e internacional?

H.R. – Em nível internacional acho que foi o Brasil começar a aparecer para o mundo. Faz 34 anos que o Brasil começou a aparecer para o mundo. Começou a aparecer que aqui também existia um trabalho. No âmbito nacional começou a fazer com que o pessoal começasse a entender voleibol. O voleibol começou a passar na televisão. Você saía depois do Sul-americano de 1981 e as pessoas pediam autógrafo. Você ia a um restaurante e não precisava pagar, era cortesia. As pessoas diziam: “Vi você jogando, que legal” e não sei o quê. Começou a aparecer e isso fez com que outras meninas comessem a querer essa coisa.

M.T. – O que a geração de 1980 deixou para as gerações seguintes?

H.R. – Deixou tudo, porque nós fomos as precursoras. Se não tivesse a gente dificilmente hoje elas teriam a estrutura que têm, porque a gente que começou a desenvolver o voleibol. Mesmo sendo cobaias ou não, nós começamos a desenvolver e com isso começou a aparecer novos profissionais. Começou a ficar uma coisa mais multifuncional: médicos que trabalhavam com o voleibol, fisioterapeutas que trabalhavam com lesões no voleibol, preparadores físicos, técnicos. Quer dizer, tudo começou ali, tudo no voleibol feminino começou nessa época, onde a gente começou a ser valorizada e começamos a receber profissionalmente e isso foi abrindo portas para esse povo que está aí hoje.

M.T. – Quando você parou de jogar, em qual clube e por quê?

H.R. – Parei no BCN em 1994 ou 1995. Eu joguei a primeira Superliga e parei porque não aguentava mais, pois já estava com 41 anos. Aí pensei, agora vou fazer o quê? Porque tem que começar a fazer alguma coisa. Então, fui para o lado que eu sempre vivi que foi o voleibol. Passar para essa criançada a minha experiência.

M.T. – Como foi essa decisão de parar de jogar?

H.R. – Foi isso mesmo. Eu me lembro direitinho: terminou o jogo e a gente tinha perdido. Cheguei ao vestiário e o técnico que era o Claudio, o Enio era supervisor e eu disse para o pessoal: “olha, quero me despedir de vocês, porque essa foi a minha última partida, eu não jogo mais, cansei, vou cuidar da minha vida agora”. Fui pro Rio e comecei a cuidar da minha vida. Teve um sofrimento porque teu metabolismo pira, tua cabeça pira. Hoje em dia vejo o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) dizer que estão preparando os atletas que estão parando, que estão dando uma estrutura para eles e agora a Fabi parou, o Giba parou e vamos lá acompanhar essa parada. Nós não tivemos nada disso. Você parava e cada um seguia a sua vida, mas o corpo sente muito, o metabolismo, a cabeça. Você para de estar no auge da coisa e as pessoas só lembram o que você foi e não o que você está fazendo. Então, você passa a ser história, a ser passado e não o presente.

M.T. – Como foi a transição a partir do momento em que você decidiu parar de jogar?

H.R. – Na mesma época que eu parei de jogar o Flamengo precisava de alguém para ser técnico. Precisava de alguém aqui e me chamou e aí eu vim trabalhar. Fiz o curso de nível três da federação, já estava formada. Com isso fui ser técnica da Gama Filho também e hoje trabalho com a equipe mirim (do Flamengo).

M.T. – Você sente saudade da época que jogava?

H.R. – De que eu jogava sim, mas vontade de jogar eu não tenho. (risos)

M.T. – O que mudou na sua vida depois de você ter parado de jogar?

H.R. – Mudou tudo. Você começa a ter que batalhar por você mesmo. Nós não temos aposentadoria, porque joguei 30 anos voleibol, então não tenho uma aposentadoria. Tem que começar a trabalhar, você tem que ter a sua casa porque antes quem te dava casa era o clube e agora você não tem mais isso. Muda tudo, a sua vida toda muda.

M.T. – Qual momento da sua vida você foi mais feliz, quando jogava ou quando parou de jogar?

H.R. – É claro que quando jogava porque era muito bom. Sempre fui assim, não é cigana, mas sempre gostei muito de viajar, de estar em concentração, sempre gostei muito disso. Eu era muito “Caxias”, muito “cdf” (expressões que designam que a pessoa é muito rigorosa e correta) com as coisas, então nunca deixei de treinar, eu era muito assim.

M.T. – Você trabalhou profissionalmente depois que parou de jogar?

H.R. – Trabalhei e trabalho até hoje.

M.T. – Qual a sua ocupação hoje em dia?

H.R. – Sou técnica da equipe mirim do Flamengo.

M.T. – O que o voleibol significa para você?

H.R. – Significa tudo porque foi quem me deu tudo na minha vida. O voleibol é tudo.

M.T. – Qual foi o principal legado que o voleibol deixou para a sua vida?

H.R. – Deixou tanta coisa. Às vezes estou em casa e o pessoal entra na internet e diz “Vi um filme seu”. Minhas atletas também dizem: “Não sabia que você jogou esse tempo todo em seleção”. Porque não fico falando. Para você ver como a memória é curta, para eles não houve essa transição. O Brasil hoje e as pessoas só lembram do que está acontecendo e não do que houve, pois para chegar a isso teve aquela fase. O Zé



Roberto (atual técnico da seleção feminina de voleibol) viajou comigo para o sul-americano e hoje é o técnico da seleção. Então, não existe esse passado. Essa garotada não sabe quem é quem. Eles sabem quem é Sheila, Thaisa, a Fabi que foi minha atleta aqui no Flamengo, ela até dormia no vestiário porque estudava e vinha para cá, almoçava no clube. Ninguém lembra o pessoal que tinha antes, de como chegou, o pessoal não lembra.

M.T. – Você quer deixar algum depoimento sobre os temas que a gente abordou na entrevista?

H.R. – Não. Só quero agradecer por você ter me procurado. É bom a gente conseguir falar e tentar buscar uma época que foi muito importante. Quem é mais antigo, por exemplo, eu fui ao Minas (Minas Tênis Clube) esse final de semana e as pessoas falavam: “Heloisa, jogadora de seleção brasileira”. Quer dizer, algumas pessoas conhecem, mas essa juventude não sabe. Então, acho importante que as pessoas que nem você que está buscando isso, talvez por ser um apaixonado pelo voleibol e ter aprendido a gostar de voleibol naquela época. Então, você hoje está fazendo, porque hoje em dia o pessoal vai fazer trabalho sobre “performance” da seleção brasileira e não sei o quê. Mas essa parte da história que ficou para trás e que está sendo resgatada é importante para o pessoal saber como o voleibol chegou lá.

[FINAL DA ENTREVISTA]